

Clarice Cohn
(UFSCar) Os irredutíveis Xikrin. Foi essa a imagem que os Xikrin imprimiram em Gordon quando ele os conheceu. Com ela ele nos brinda ao enfrentar o desafio de compreender essa ilusão do que aparece, ao primeiro golpe de vista, como um caso extremo de submissão indígena à economia capitalista. Porque consumistas, desejando e demandando sempre mais, oferecendo uma pressão inflacionária sobre quem quer que lhes apareça como fonte de bens industrializados ou dinheiro – o antropólogo inclusive –, vivendo, além de tudo, uma situação de afluência, os Xikrin do Cateté parecem ter se rendido. Gordon nos mostrará que, ao contrário, eles resistem.

Sua tarefa é tão desafiadora quanto é, para os Xikrin, sua situação atual. Afinal, o quadro que se configura parece irreversível e apontar ao fim dos Xikrin como um povo distinto, com uma cultura distinta.... enfim, um quadro afeito a toda a ladainha da perda e descaracterização cultural. Veja-se uma parte de sua descrição da aldeia: “No crepúsculo, parado em uma das portas laterais do *ngàbê* [casa central onde se reúnem os homens], tenho uma visão panorâmica de boa parte da aldeia. Ela parece uma pequena cidade ou condomínio, pontilhada de postes de concreto armado que sustentam a eletrificação de todas as casas e do próprio *ngàbê*. Um ruído quase surdo à distância, mas constante, faz lembrar que o gerador da aldeia trabalha a todo vapor, ou melhor, a óleo diesel, que consome uma taxa média de 10 litros/hora. A praça da aldeia também se encontra iluminada, e alguns [meninos] *mebôktire*, ainda não vencidos pelo sono, brincam animadamente. Defronte a algumas casas vêem-se sobranceiras antenas parabólicas. Das frinchas emana a inconfundível luz azulada do aparelho de televisão” (:174-175). É essa a aldeia dos irredutíveis Xikrin, a partir da qual resistem aos invasores.

Mas toda a questão – Gordon bem o percebe – é entender a particularidade dessa resistência. Há tempos, já, ela não é bélica: os Xikrin abdicaram da luta armada, aceitaram o contrato da pacificação, resolveram partir para outras guerras, com outros meios. Desde sempre, significa outra coisa que se fechar às “influências” dos estrangeiros: ao contrário, é pautada por um desejo por suas coisas – eles não

são, portanto, invasores, e se se trata de resistência, ela é de uma outra ordem. Os Xikrin, nessa aparência de mudança, e ao trazer para si, e para sua aldeia, as coisas dos brancos, lutam para – nada mais, nada menos – ser xikrin.

O caso estudado por Gordon é extremo. Os Xikrin do Cateté viveram uma história recente pautada por duas excepcionalidades, a de uma certa intervenção missionária e indigenista e a do enorme afluxo contemporâneo de dinheiro e serviços. Uma situação excepcional não só no cenário indígena nacional, mas também nesse, mais imediato, dos Kayapó (Mebêngôkre). Os Kayapó são conhecidos, inclusive do grande público, pelo seu gosto ao que aparece como bens de luxo – como se particularmente não propícios a índios –, tendo sido alvo de diversas acusações de descaracterização por serem donos de aviões, frotas de carros, aparelhos eletrodomésticos, por gerenciarem garimpos, construírem suas casas em alvenaria, ou mesmo por contratarem empregados. Ainda assim os Xikrin do Cateté se destacam, pelo afluxo constante de dinheiro, serviços e mercadorias que o convênio com a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), atuante desde 1982, lhes garante. Assim também, desde a década de 1960, a atuação de missionários e indigenistas já imprimia uma configuração bastante específica à aquisição e à distribuição de mercadorias no grupo, em uma mediação pautada por uma lógica do igualitarismo e da universalização.

Por toda essa história, narrada e analisada em detalhes no livro, os Xikrin são hoje afeitos a um consumo de bens industrializados e à aquisição de dinheiro que leva Gordon a tematizar o seu “consumismo” e sua “pressão inflacionária”. Falando de consumo e inflação, faz a mais pura etnologia. O faz por meio de uma série de deslizamentos semânticos, ou enquadramentos analíticos: o consumo de que se trata aqui é ritual; a inflação, e a pressão inflacionária, são pautadas por esse consumo ritual, e por uma comunicação e desvalorização de signos de distintividade, alteração, relação com a alteridade, que conferem prestígio. Esse deslizamento só pode ser feito porque Gordon transita, com desenvoltura, pelo patrimônio já acumulado da etnologia, em especial aquela produzida sobre os Mebêngôkre, e porque, a partir de um diálogo com ela, busca entender o ponto de vista xikrin, sua agência e motivações.

O posicionamento de Gordon frente ao que foi já produzido em etnologia sobre os Mebêngôkre é ao mesmo tempo respeitoso, atento, e firme. De um lado, ele é enfático ao recusar as interpretações dessa história que nela vêem dependência e perda de autonomia, como aparece em algumas análises de Terence Turner, especialmente sobre os Gorotire, e de William Fisher, tomando por foco os Xikrin do Bacajá. Gordon recusa dois dos pressupostos dessas interpretações: o de uma autonomia anterior a ser perdida – questão que ele desloca, ao lembrar que essa autonomia política, aldeã, que a seu modo se mantém, sempre foi realizada por uma intensa relação com a alteridade que a compõe e sempre conviveu com fluxos de pessoas que fizeram e refizeram coletivos nunca tornados permanentes – e a de que o gosto pelas ferramentas teria significado uma perda de controle sobre os meios de produção. Se é inegável que os Xikrin não detêm o controle sobre a produção de bens industrializados que hoje são imprescindíveis para sua produção econômica, fica claro que eles detêm o que mais importa: os meios de produção *de si mesmos*, de sua condição, e de sua distintividade. Então, a questão passa a ser como se dá esse controle hoje, e o que ele significa. E isso significa entender os meios de produção de si, que é relativa à de seus Outros, e de que o momento atual é uma continuidade.

E isso, por sua vez, significa, hoje, entender o papel desempenhado pelo dinheiro e pelos bens industrializados. Gordon o faz com uma cuidadosa etnografia de sua aquisição, circulação e consumo; mas o faz, também, relacionando-os às *riquezas* mebêngôkre. Para tanto, vale-se de outras duas orientações frente à etnologia, as quais, em conjunto, corroboram para desfazer e cruzar fronteiras. Sua análise é parte de um esforço contemporâneo de aproximação da Amazônia e do Brasil Central, que vem de ambos os lados, mas que tem sido realizada especialmente por estudiosos dos Jê, em reação a essa outra marginalidade a que estes foram relegados – para as margens de um modelo analítico amazônico. Gordon discute para os Xikrin, e muito especificamente para esse caso de que trata, o valor do canibalismo, da afinidade potencial, das perspectivas, de modelos centrífugos ou centrípetos, logrando mostrar que os dados xikrin são melhor compreendidos sobre esse pano de fundo, contanto que se resguarde suas especificidades. Há que se entender, por exemplo, em que consistiria o sistema canibal quando visto com olhos jê – o que ele faz propondo que se o interprete como o sacrifício da parte *objetivada* dos Outros, esses capturados em suas coisas, aquelas – suas coisas – consumidas ritualmente.

O outro movimento, que também encontra ecos nas análises mais recentes sobre os Jê, e especialmente os Mebêngôkre, é o de aproximação de dois modelos que cindiram esse campo. Gordon põe a dialogar o modelo cunhado por Terence Turner, ressaltando questões que lhe são caras, como hierarquia, prestígio, dominância, e o de Vanessa Lea, mostrando a importância do que essa autora denominou riquezas tradicionais, para entender a relação contemporânea dos Xikrin do Cateté com o dinheiro e com as mercadorias. Entenda-se bem, não se trata de colocar um ao lado do outro: trata-se de demonstrar que a aquisição, o consumo e a circulação de mercadorias respondem a uma lógica de distintividade e produção de beleza que rege também – porque de um certo modo trata-se da mesma coisa – a aquisição, o consumo (ritual) e a circulação (a transmissão) de nomes e de prerrogativas rituais. E que essa distintividade e produção de beleza também é regida por uma lógica de prestígio e poder político, e rebatem em uma hierarquia. Assim, questões que têm sido debatidas pelos etnólogos dos jê são colocadas em jogo e interconectadas. Porque, afinal, os Xikrin buscam dinheiro e mercadorias para fazer aquilo que mais prezam: produzir pessoas e coletividades bonitas e moralmente adequadas, *mejx*. E produzi-las ao modo mebêngôkre: ou seja, produzi-las mebêngôkre.

Mas essa continuidade não se faz sem riscos, nem sem trazer em si suas contradições. Gordon demonstra que o afluxo de dinheiro e mercadorias nas aldeias Cateté e Djudjekô vem a ativar, a intensificar, todas as relações. De um lado, mais parentesco: comida industrializada consumida no cuidado e na produção de parentes, por exemplo. De outro, mais ritual: meios para garantir caçadas mais produtivas, com caminhões e combustível para levar os caçadores mais longe, em terrenos menos explorados, para trazer a carne a ser oferecida no ritual; alimentos industrializados a serem oferecidos. Mais ritual significa mais aquisição de beleza e distintividade, maior produtividade de seus signos, nomes e prerrogativas (*nêkrêjx*), mais gente contemplada pelos rituais e marcada por essa distinção. Porque, nos dizeres de Gordon, os rituais são “um momento de *objetivação máxima* de todas as relações sociais, presentes e pretéritas, que puderam propiciar o próprio momento ritual”, e de transformação, “no qual, por meio dos signos da relação com o Outro, os Mebêngôkre tornam-se ritualmente esses Outros (e os Outros tornam-se Mebêngôkre), permitindo que os celebrados e o corpo coletivo extraíam-se belos do processo” (:327). Produz-se, hoje, mais gente, e mais gente bonita (*me mejx*).

Os riscos, e os paradoxos, trazidos por essa ampliação da capacidade de produção do sistema – que é, como lembra *après* Turner, uma economia política de pessoas (e coisas, acrescenta) – são dois, relativos ao tema da distintividade: de um lado, essa intensificação ritual desafia um ideal de equilíbrio entre a construção de um coletivo e das distinções que o compõem: os Xikrin, diz, estão, em uma dada medida, tornando-se *parecidos demais entre si*; de outro, comer coisas dos Kube, esses Outros preponderantes no seu momento atual, usar suas roupas, falar sua língua, adquirir seus hábitos, remete ao risco de tornar-se Outro, virar branco, *ficarem parecidos demais com o kube* (:340).

A isso, os Xikrin respondem de dois modos: de um lado, exercendo sua pressão inflacionária: quanto maior o afluxo de dinheiro e mercadoria, quando mais “comunizados” esses bens, menos potentes eles são em efetivar a distintividade, em fazer as pessoas belas – e maior será a necessidade de buscar novos, e mais. Ou, correlatamente, sugere Gordon, de enfatizar uma outra distinção, a de prestígio – dando nova cara e novos modos à chefia e às lideranças, mediadores e distribuidores dessas novas riquezas. Assim, vão lidando com um lado da questão: sua vontade de permanecer produzindo pessoas belas, e que, necessariamente, devem ser compostas dessa parcela comum, de um substrato mebêngôkre, e ser distintas entre si. Com a outra parte do problema – o de permanecer Mebêngôkre e não virar branco – vão respondendo ao se refazer, ou se fazer continuamente, *àkre*: bravos, fortes, valentes, ou seja, detentores da capacidade de agência e predação, capacidade que adquiriram, sugere Gordon, quando, em tempos míticos, lograram passar de presas do Gavião gigante a seu predador. Dessa condição de predadores não podem abrir mão – e por isso predam os Kubê, em suas coisas – mercadorias, dinheiro – e a cada reunião de planejamento com a CVRD, em que, para desespero dos funcionários dessa mineradora, se refazem *àkre*.

Ao desafio etnológico Gordon responde articulando o presente ao passado xikrin, assim como as questões que nem sempre andam juntas nos modelos analíticos sobre os jê, com uma desenvoltura que lhe valeu o prêmio do Concurso ANPOCS de Obras Científicas em Ciências Sociais de 2007. Tratando de um caso extremo, pôde rever pontos da etnologia mebêngôkre com outra luz. Por exemplo, Vanessa Lea já havia apontado que alguns *nekrejx*, itens de riqueza, podiam ser abandonados quando perdiam sua força diferenciadora, porque, dizia, os Kayapó têm uma paixão pela diferenciação. Se sua explicação já apontava para o tema da comunização e universalização do uso como motivação para esse abandono, Gordon pôde perceber o que sempre esteve presente, mas havia ficado relegado a segundo plano – porque o inflacionamento é uma face contemporânea, digamos mercantil, ou ao menos monetária, e acelerada, de um processo que sempre operou sobre os bens – a riqueza – mebêngôkre, sempre ameaçados de desvalorização. São exatamente sua aquisição, circulação e consumo que dão – e depois, por seus próprios mecanismos, retiram – valor aos itens de riqueza. Gordon o percebe, diga-se, ao perceber *no que isso é diverso do que ocorre hoje com as mercadorias*: porque, outrora tidas como *nekrêjx*, elas hoje estão desvinculadas da esfera ritual e dos meios de transmissão por ela previstos. Se a desvalorização dos *nekrêjx* sempre, em uma dada medida, existiu, é a desvinculação das mercadorias do ritual que *acelera* sua comunização e desvalorização: “a diferença é consumida rapidamente, coisas que há pouco eram distintas perdem valor, e o processo repete-se: eis a dimensão inflacionária” (:405). Em busca de *nekrêjx*, os Mebêngôkre partiram constantemente para a guerra – exatamente porque precisavam sempre repor a potência criadora. Hoje, fazem guerra por outros meios: fazem-se *àkre* em outros fóruns, de outros jeitos. Mas não só: predam outras coisas, inclusive o dinheiro, esse “desdobramento da relação dos Xikrin com o brancos”, que é “interposto entre os brancos e seus objetos” e por isso deve ser apropriado, tornado “capacidade de ação e transformação” (:294).

Ao desafio histórico, os Xikrin têm respondido com galhardia gaulesa. Dizendo a seu modo que “esses romanos são loucos”, buscam incorporar suas coisas, tornadas potentes, meios de produção de pessoas belas, mas – recusando os modos (a moral) kube – para torná-las, exatamente, *mebêngôkre*, de modo a melhor produzir essas pessoas *como mebêngôkre*. Gordon nos oferece outra imagem, essa emprestada de uma anotação em campo de Lux Vidal – cuja recuperação aqui (e no livro) nos lembra, nada incidentalmente, da importância que essa antropóloga teve para que tudo isso fosse possível –, pela qual um xikrin a recepciona na aldeia falando de sua necessidade de terem seu próprio dinheiro: não apenas adquiri-lo, mas torná-lo *deles*. A análise de Gordon faz eco a isso: trata-se, o tempo todo, e ao revés de se tornar branco, de tornar as coisas dos brancos suas coisas, de torná-las *mebêngôkre*. Mas isso não é nada simples. O etnólogo intui (:408) que ainda há riscos sendo corridos – e que os próprios Xikrin também o intuem. Afinal, estão hoje continuamente “levando o sistema à beira do colapso”.

